SERVIÇO SOCIAL NO BRASIL: UM PERCURSO DO CONSERVADORISMO À TRADIÇÃO MARXISTA

Franciney Pimentel dos Anjos[1]

RESUMO

O presente estudo busca analisar o percurso da profissão de Serviço Social, no Brasil, desde sua institucionalização e inserção na divisão sociotécnica do trabalho na ordem burguesa, passando pela influência da tradição sociológica clássica quando de sua imersão no circuito acadêmico até a interlocução com a teoria social crítica de Marx. Nesse esforço reflexivo destacam-se os ganhos obtidos pela profissão no transcurso desse encontro com o método em Marx e com outros expoentes da tradição marxista, bem como a influência desta tradição na constituição do projeto ético-político da profissão.

Palavras-chave: Serviço Social – tradição sociológica clássica – tradição marxista – projeto profissional.

ABSTRACT

The present study seeks to analyze the path of the Social Service profession in Brazil, from its institutionalization and insertion in the socio-technical division of labor in the bourgeois order, through the influence of the classical sociological tradition when it was immersed in the academic circuit until interlocution with theory Marx's social criticism. In this reflexive effort, the gains obtained by the profession in the course of this encounter with the method in Marx and with other exponents of the Marxist tradition stand out, as well as the influence of this tradition in the constitution of the profession's ethical-political project.

1 Assistente Social, mestranda do Programa de Pós-graduação em Serviço Social – UFPA. E-mail: dosanjosfrancy33@gmail.com

Keywords: Social Work - classic sociological tradition - Marxist tradition - professional project.

1. INTRODUÇÃO

O Serviço Social enquanto disciplina científica vale-se das teorias das chamadas ciências sociais quando da sustentação teórica e metodológica de sua intervenção, ensino e pesquisa.

A apropriação, pela profissão, de conhecimentos teórico-científicos como subsídio para sua validação técnico-científica se deu, inicialmente, pelo importe dos conhecimentos da tradição sociológica clássica, cujos teóricos mais reconhecidos são: Emile Durkheim; Talcott Parsons e Max Webber. Estes teóricos buscavam analisar as sociedades e seus fenômenos, buscando explicações racionais para eles.

Durkheim buscava explicar a realidade social tendo por parâmetro as leis naturais, sendo portanto para ele, as leis sociais deveriam seguir o mesmo rigor das leis das ciências da natureza, perseguindo assim leis gerais que determinariam a causa e os efeitos dos fatos sociais. Seguindo os passos deste autor, Talcott Parsons afirma que a sociedade funciona tal como um sistema que é internalizado pelos indivíduos, que acabam por agir de acordo com essas leis internalizadas, num afã de enquadra-se ao sistema.

O relevante desse pensamento clássico jaz na ideia de equilíbrio, ordem, estabilidade e controle, sendo a meta desse pensamento a adequação de todos os indivíduos à ordem social posta.

É nesta tradição que o Serviço Social forja inicialmente suas reflexões, sua noção de sociedade e de onde vem a inspiração para sua proposta interventiva, com base no ideário funcional-positivista. Conforme explica Yasbek (2018) “a abordagem funcionalista não se propõe a explicar porque funciona, mas, sim a ajustar tal funcionamento” (YASBEK, 2018, p.

58). Nessa vertente, o papel do Serviço Social é atender aos desvios, no sentido de viabilizar o bom funcionamento e preservação da ordem, sem questionar as vicissitudes desta ordem.

Com o processo de renovação do Serviço Social a profissão passa a questionar as teorias que subsidiam sua intervenção na realidade, uma vez que estas não conseguem explicar a realidade em suas contradições e complexidades. É nesse momento de reestruturação de paradigmas que fundamentam o fazer profissional e seu respaldo teórico-metodológico que entra em cena a interlocução da profissão com a teoria social crítica.

É justamente sobre os frutos desse diálogo do Serviço Social com a tradição marxista que o presente paper buscará elaborar algumas aproximações, inicialmente indicando o percurso histórico da profissão no Brasil. Sequencialmente explora-se o legado dessa interlocução da tradição marxista com o Serviço Social, evidenciando que as diversas concepções profissionais e de sociedade são processos em disputa. Por fim, desembocando na compreensão da práxis humana como ação pensada e possibilidade de efetivar transformações sociais.

2. BREVES APONTAMENTOS SOBRE A TRAJETÓRIA DO SERVIÇO SOCIAL NA REALIDADE BRASILEIRA

Conforme assinala Netto (1996) no desenvolver da fase monopolista do capitalismo criam-se condições históricas e sociais o surgimento e para a institucionalização do Serviço Social enquanto profissão inscrita na divisão social e técnica do trabalho. Nesse contexto, o Serviço Social, bem como outras profissões surgem no limite do estado burguês com a tarefa de intervir nas expressões da “questão social”, a fim de minimizar as tensões decorrentes da luta de classes, via políticas públicas, para facilitar o desenvolvimento do capitalismo monopolista. Assim, para Netto (1996) o estado passa a administrar os problemas decorrentes da forma de acumulação capitalista, por meio de políticas sociais que fragmentam as demandas da sociedade, sob rotulações mitificadas. Isto é, o conjunto das expressões da questão social assumem a forma de o “problema da pobreza”, da “habitação”, do “desemprego”, etc. recebendo atenção estatal setorizada, por meio das mais diversas instituições.

Quando da institucionalização da profissão, o referencial teórico-metodológico necessário a oferecer legitimidade científica à intervenção profissional, antes amparado no pensamento doutrinário e na doutrina social da igreja católica, necessita ser revisto. Para tanto, a profissão lança mão do arcabouço teórico das ciências sociais, nesse processo de revisão de suas bases analíticas na direção do desenvolvimento de um referencial de caráter técnico científico (Yasbek, 2018; Netto, 1994; Netto, 1996).

É no referencial funcional-positivista, das ciências sociais, no qual o Serviço Social busca amparo científico inicialmente. Com base no pensamento conservador, o Serviço Social se apropria do pensamento de Durkheim, dos conceitos de ética da neutralidade, do pensamento de adequação do indivíduo à sociedade, da harmonização do indivíduo a ela, a fim de garantir seu bom funcionamento, pela absorção de regras de controle moral e social (Bottomore, 1981; Castro e Dias, 1985).

Sob essa perspectiva o Assistente Social interviria nas expressões da questão social, no limite da ordem capitalista vigente, não buscaria romper com ela, mas atuaria para preservá-la, contribuindo para que os indivíduos se ajustem a mesma, mantendo traços do viés doutrinário constitutivo da profissão no período anterior à sua institucionalização na estrutura estatal, conforme expressa Netto (1996):

> De uma parte, ela se explica porque um novo agente profissional, no marco da reflexão sobre a sociedade ou da intervenção sobre os processos sociais, não se cria a partir do nada. [..] De outra, porque, na sequência, quando se conformam as referências e práticas próprias do novo agente, estas nem sempre implicam a supressão quer do *background* ideal, quer dos suportes institucionais-organizativos anteriores, podendo conservá-los por largo tempo. (NETTO, 1996, p. 67)

O processo de Renovação do Serviço Social, ocorrido a partir dos anos 1960 do século XX, que se desenvolve no lapso temporal do desenvolvimento do regime ditatorial no Brasil e que ocorre concomitantemente pela América Latina, estende-se por duas décadas, fazendo emergir três vertentes distintas no interior da profissão sob os signos de mudança, continuidade e intenção de ruptura, segundo Netto (1994).

Para Netto, no período indicado “há um claro componente de validação e reforço do que, noutro lugar, caracterizamos como Serviço Social ‘tradicional’” (NETTO, 1994, p. 117).

A modernização conservadora, viabilizada pelo estado ditatorial brasileiro, engendra condições sócio-históricas para o desenvolvimento do Serviço Social. A profissão foi favorecida pela lógica desenvolvimentista, pelo processo de industrialização do país, momento em que se amplia o mercado de trabalho para assistentes sociais, com o agravamento das "refrações" da questão social, características daquele período histórico, estes profissionais são chamados a atuar nos equipamentos criados pelo Estado para atender essa demanda. Assim, exige-se deste profissional um caráter moderno, técnico, alinhado à racionalidade burguesa, para tanto, a profissão ingressa no âmbito acadêmico, donde advém sua interação com as ciências sociais e aproximação com correntes de caráter "tecnocrático e asséptico das disciplinas possíveis na universidade da ditadura" (NETTO, 1994, p. 126).

Para Yasbek (2018):

> o conservadorismo será, pois, uma marca fundante da emergência do Serviço Social brasileiro e não significa apenas a presença de ideias conservadoras e antimodernas resultantes da herança intelectual do século XIX, mas de ideias que atualizadas se transformam em base de manutenção da ordem capitalista (YASBEK, 2018, p. 53).

É na perspectiva de controle e psicologização dos problemas sociais que o Serviço Social encontra o embasamento para atender às demandas com as quais se depara, no principiar do processo de renovação teórico-metodológico e técnico-operativo, buscando inspiração no pensamento de parsoniano de adequação, punibilidade do desvio e na busca de enquadramento às expectativas sociais para o indivíduo, pois "tendências de desvio, nesse sentido por sua vez, levam o sistema a confrontar-se com problemas de controle" (CASTRO e DIAS, 1985, p. 223).

No bojo do processo de renovação da profissão no Brasil, dá-se início ao movimento de reconceituação do Serviço Social na América Latina, a partir de 1965. Nesse movimento, segundo Netto (1994):

> a questão que originalmente comanda é a funcionalidade profissional na superação do subdesenvolvimento. Indagando-se sobre o papel dos profissionais em face das manifestações da 'questão social', interrogando-se sobre a adequação dos procedimentos profissionais consagrados às realidades regionais e nacionais, questionando-se sobre a eficácia das ações profissionais e sobre a eficiência e legitimidade das suas

> representações, inquietando-se com o relacionamento da profissão com os novos atores que emergiram na cena política (fundamentalmente ligados às classes subalternas) – e tudo isso sob o peso do colapso dos pactos políticos que vinham do pós-guerra, do surgimento de novos protagonistas sociopolíticos, da revolução cubana, do incipiente reformismo gênero Aliança para o progresso – ao mover-se assim, os assistentes sociais latino-americanos, através de seus segmentos de vanguarda, estavam minando as bases tradicionais da sua profissão (NETTO, 1994, p. 146).

O movimento em questão sofre o impacto do endurecimento do regime ditatorial no Brasil que sufoca as alternativas mais vanguardistas de renovação profissional, de acordo com Netto (1994) e em 1975 segue-se seu declínio, tendo sua unificação na América Latina minada pelo contexto histórico/político e tendo como traço indelével a heterogeneidade do processo que congregava em seu interior, várias correntes de pensamento.

No Brasil, o processo de renovação profissional se dá com a centralidade diretiva de instituição que congrega tanto a categoria profissional quanto os docentes (CBCISS), num esforço encadeado de teorização, promovendo debates coletivos em seminários de teorização, na segunda metade dos anos 60 do século XX; seguindo-se a efervescência dos debates com o advento dos cursos de pós-graduação e por fim, no início dos anos 80 do mesmo século com a interação entre esses dois agentes, somados às instituições de ensino e entidades sindicais e de organização da categoria profissional dos assistentes sociais, conforme explica Netto (1994).

Três vertentes se destacam durante esse processo: a perspectiva modernizadora; a reatualização do conservadorismo e a intenção de ruptura. A primeira, comprometida com a preservação da ordem das coisas, visa promover reformas tecnocráticas, visando dar à profissão características de cientificidade adequadas a modernidade. A segunda, propõe retomar a tradição conservadora da profissão, seu viés humanista abstrato e influência do pensamento católico tradicional, opõe-se a vertente modernizadora e a intenção de ruptura, retomando o pensamento doutrinário sob novas bases; por fim, a intenção de ruptura é legatária da aproximação do Serviço Social com a tradição marxista, ainda que assimilada pelo conjunto da categoria via fontes secundárias, traz à profissão o contributo do materialismo histórico-dialético (Netto, 1989; Netto,1994; Yasbek, 2018; Simionatto, 2018).

3. A TRADIÇÃO MARXISTA E O SERVIÇO SOCIAL, O LEGADO DE UMA INTERLOCUÇÃO PROFÍCUA NO CENÁRIO DA DIREÇÃO SOCIAL DE CONCEPÇÕES PROFISSIONAIS EM DISPUTA

A contribuição do pensamento marxista para Serviço Social é imprescindível tanto para a direção ético-política assumida pela profissão a partir da década de 80 do século XX, quanto para a consolidação do caráter teórico-metodológico e técnico-operativo que assume perfil hegemônico na profissão, desde então.

É possível observar a perspectiva histórico-crítica inscrita na introdução do Código de Ética de 1986, o qual demarca que “a categoria de Assistentes Sociais passa a exigir também uma nova ética que reflita uma vontade coletiva, superando a perspectiva a-histórica e a-crítica”, o mesmo documento assinala a ruptura com a ética da neutralidade, de inspiração conservadora (CFESS, 1986). Os traços essenciais deste posicionamento ético-político se mantém nos princípios fundamentais do código de ética vigente na atualidade e demarcam o compromisso de classe, o compromisso com a democracia, o compromisso com a superação de todas as formas de opressão e a vinculação do projeto profissional ao processo de construção de uma nova ordem societária (CFESS, 2012).

O referido documento revela que a influência da tradição marxista no Serviço Social expressa na historicidade, na perspectiva de classe, na superação da ordem burguesa, se encontra arraigada no projeto ético-político profissional, devendo nortear as dimensões técnico-operativa e teórico-metodológica da intervenção profissional, contudo, em que pese sua prevalência no seio da categoria, o texto ressalta, o caráter plural da profissão. Segundo Yasbek, esse pluralismo:

> supõe o debate de ideias e implica um modo de convivência entre correntes de pensamento, pois reconhece aceita a existência de diferentes posições, opiniões e pensamentos. É muito diferente do ecletismo, que concilia vários estilos diferentes e até antagônicos para uma mesma explicação (YASBEK, 2018, p.51).

A teoria social de Marx evidencia que a ordem social vigente é feitura da mão dos homens, tendo a humanidade o protagonismo na geração dos processos sociais, políticos, econômicos e filosóficos que contém. Demonstra que o mundo concreto é o palco onde se desenvolvem modos de produção, relações, instituições partindo de um ponto comum, a capacidade humana de interagir com a natureza criando meios de satisfazer suas necessidades, ao mesmo tempo em que avança no desenvolvimento de tecnologias e

formas de interação sociais modificando o mundo ao seu redor. Em Marx e Engels "portanto, as circunstancias fazem os homens tanto quanto os homens fazem as circunstâncias" (MARX e ENGELS, 1989, p. 204). E é sob essa diretriz que o coletivo profissional do Serviço Social optou por constituir sua análise e suas estratégias de intervenção na realidade a partir da aproximação construída com o substrato advindo do processo de renovação, de reconceituação da profissão, no caminho da construção histórica do Serviço Social no Brasil.

Apesar do compromisso declarado e instituído do coletivo profissional com o materialismo histórico dialético, tendências conservadoras constituintes da história deste segmento profissional, coexistem e sobrevivem no universo da profissão. Não esqueçamos da origem da profissão e sua vinculação com o pensamento doutrinário e com os valores religiosos, peculiares às "protoformas do Serviço Social" e seu viés caritativo, o objetivo de administração das expressões da questão social no interior do Estado burguês, bem como o viés tecnicista da vertente modernizadora e o caráter saudosista da vertente fenomenológica (NETTO 1994; NETTO, 1996).

Ainda que a perspectiva hegemônica da profissão tenha por base concepção materialista, o campo da formação e do exercício profissional é campo de disputa de diferentes concepções teórico-metodológicas, técnico-operativas e ético-políticas que carregam em si projetos societários diferentes. Conforme explicam Marx e Engels:

> os indivíduos que constituem a classe dominante têm, entre outras coisas, também consciência, e por conseguinte pensam; logo, na medida em que dominam como classe e determinam o âmbito inteiro de uma época histórica, compreende-se por si mesmo que fazem isso em toda sua extensão, portanto que entre outras coisas também dominam como seres pensantes, como produtores de pensamentos, regulam a produção e distribuição dos pensamentos do seu tempo; que portanto os seus pensamentos são os pensamentos dominantes da época (MARX e ENGELS, 1989, p. 207).

Ao considerar a profissão como espaço de disputa de projetos profissionais e concepções de sociedade diversas, bem como considerar que a garantia do pluralismo é um princípio fundamental da profissão, é esperado que ao redor do projeto profissional hegemônico, vigente na atualidade, concorram outros projetos profissionais de diferentes expressões teóricas. Nos dizeres de Netto (1989, p.101), "[…] enquanto profissão, o Serviço Social sempre contemplará tal inclusividade que no seu campo se moverão legitimamente profissionais que, incorporando diferentes expressões do pensamento contemporâneo encontrarão espaços de prática e intervenção diversos e plurais."

Dessa forma, há que se considerar a pluralidade peculiar da profissão e ter em perspectiva que sua constituição histórica lhe atribui um *ethos* permeado por múltiplas vertentes, e ainda que a direção inscrita no projeto ético-político-profissional seja legatária da interlocução do Serviço Social com a tradição marxista e de todas as contribuições advindas deste feliz encontro, a disputa pela hegemonia entre as vertentes teóricas permanecerá a coexistir e como explica Boschetti:

> Considera-se aqui que o conservadorismo nunca deixou de permear a formação e o trabalho profissional. Por vezes explícita, por vezes implicitamente, sempre esteve presente, e também não é uma exclusividade do Serviço Social. Defende-se, portanto, que o conservadorismo não é um traço exatamente novo e atual que distanciaria uma "base" conservadora de assistentes sociais de uma suposta "vanguarda" progressista. O que orienta essas reflexões é uma perspectiva que defende que o conservadorismo é, e sempre será, alimento imprescindível da reprodução do capital, e por isso nunca sai de cena. Ou seja, é um alimento central para conservar a sociedade capitalista e sempre estará a seu dispor (BOSCHETTI, 2015, p. 639).

No lastro da interlocução do Serviço Social com a tradição marxista Yasbek (2018) ressalta a relevância da categoria historicidade para a análise da realidade e para compreender os mecanismos pelos quais ocorre a reprodução da vida social. Nesse entendimento as relações sociais no interior da sociedade capitalista derivam de determinantes históricos, condicionados pelo modo de produção e reprodução da vida e consequentemente das relações em sociedade, isto é por relações capitalistas de produção.

O Serviço Social entendido como uma profissão que emerge, dentro da ordem burguesa, como outras, com o fito de administrar tensionamentos e atender as expressões da questão social, amadurece no bojo de sua trajetória histórica. No seio da ordem capitalista, seu corpo profissional assalariado, vendedor da própria força de trabalho, que lida cotidianamente com as mazelas advindas desse modo de produção, a partir do diálogo profícuo com o método em Marx e de outros representantes dessa tradição redireciona seu aporte teórico, suas técnicas, seu compromisso ético e político na direção da classe que sobrevive da venda de suas capacidades físicas e intelectivas, com vistas a operar mudanças concretas na vida da coletividade e superar esta forma de sociabilidade baseada na mercadoria.

Para tanto, se faz essencial aos profissionais de Serviço Social buscar alianças com as lutas sociais e políticas da classe trabalhadora, nos variados campos da vida social, participação nos movimentos sindicais e organizativos coletivos, apoiar e fortalecer as organizações de ensino e perquisa e as entidades de defesa da profissão. Pois, tomando por base a teoria social crítica, a superação da forma de organização social capitalista só será possível com o fim da apropriação indébita do trabalho que se converte em propriedade privada, por meio da superação de práticas sociais daninhas e danosas para a maioria das pessoas do

mundo. Esta superação, se daria no mundo objetivo, por intermédio de ações materiais, organizativas, da massa dos não proprietários, pois, “a revolução é a força motriz da história, também da religião, filosofia e demais teorias” (MARX e ENGELS, 1989, p. 204).

De acordo com Simionatto (2018), o contributo da teoria social crítica para o Serviço Social legou aos fundamentos da profissão: o marxismo como base teórica; maior rigor teórico na elaboração dos estudos e pesquisas a partir dos clássicos pensadores marxistas (Marx, Gramsci, Lenin, Lukacs); ampliação das fontes literárias marxistas; ampliação de pesquisas fundamentadas no método marxista; entre muitas outras contribuições (SIMIONATTO, 2018, p. 101). Contudo, a mesma autora ressalta que, nos últimos 30 anos, de forma concomitante com este legado, avançam na profissão e nas ciências humanas e sociais, tendências reacionárias e tentativas de reatualização do conservadorismo, demonstrando que o projeto profissional do Serviço Social é um campo em constante disputa.

Conforme explica Marx (1989), a classe dominante busca legitimar seu poder, com vistas a respaldar suas necessidades e validar seu pensamento, no sentido de convertê-lo em pensamento universalmente aceito, utilizando-se para isto, de intelectuais, de instituições, do Estado, podendo algumas categorias profissionais serem utilizadas como veículo do controle das massas, para a classe dominante e para a manutenção desse sistema.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condução hegemônica de um projeto profissional inspirado pela teoria social de Marx pressupõe uma intenção de transformação da realidade social, significando um posicionamento ético-político-profissional voltado aos interesses da classe historicamente subalternizada pelos donos do capital. Assim, assumir este compromisso significa imbuir-se de competência teórico-metodológica e técnico-operativa, para uma práxis profissional efetiva, pois, nos dizeres de Santos (2011):

> A práxis humana só é possível em razão de a atividade humana ser um pôr teleológico, ou seja, o homem, ao agir, põe uma finalidade que desencadeia relações causais. O homem, mesmo que não tenha consciência, age pautado numa finalidade ideal, num projeto que guia e orienta essa ação (teleologia). Entretanto, o resultado dessa ação é um produto real, não exatamente igual ao projetado. Influem nesse resultado as condições reais e concretas sobre as quais o trabalho se realiza, isto é, a causalidade (a realidade objetiva), criando-se, assim, a realidade social. Isso porque a história não está dada, ela é construida, não por um indivíduo, mas por uma práxis social coletiva que, por sua vez, é uma combinação de práticas individuais (SANTOS, 2011, p. 37).

Um fazer profissional competente nas três dimensões da profissão requer intencionalidade para transformar a realidade, não de forma isolada, mas, em conjunto com as lutas urgentes de seu tempo histórico. Para que isto ocorra, é

imprescindível que intencionalidade da ação pensada e pautada no método e na teoria marxiana leve em consideração a singularidade (expressa nos fatos e expressões imediatas da realidade); a universalidade (determinantes sociais, políticos, históricos que interferem e moldam as relações entre os seres humanos) e a particularidade (a síntese dessas múltiplas determinações do singular e da totalidade que ajudam a desvelar a essência do objeto), conforme orienta Pontes (2010).

No caso brasileiro, por exemplo, há que se compreender que desde sua formação, este país de ampla extensão territorial, de grande diversidade sociocultural e variedade de recursos naturais muito desejados pelo capital, também é o país de abissais desigualdades sociais, raciais, de gênero, etc. Um projeto profissional de inspiração marxista deve comportar a singularidade da realidade brasileira e sua relação social, econômica e política no sistema capitalista mundial, em busca de soluções coletivas para que se possa lograr pequenas conquistas, frente à franca regressão de direitos promovidos pelo ideário ultraneoliberal e conservador, assim como compor e contribuir para a articulação/organização dos diversos movimentos sociais que lutam por igualdade e quiçá contribuir para a construção de outra forma de sociabilidade.

REFERÊNCIAS

BOSCHETTI, Ivanete. **Expressões do conservadorismo na formação profissional**. Serviço Social & Sociedade, n. 124, p. 637-651, 2015.

BOTTOMORE, T. **Introdução a Sociologia**. Rio de janeiro, Zahar editores, 1981.

BRASIL . **Código de ética do/a assistente social**. Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão. - 10ª. ed. rev. e atual. - [Brasília]: Conselho Federal de Serviço Social, [2012].

CASTRO, Ana Maria; DIAS, Edmundo. **Sociologia:** Durkheim, Weber, Marx, Parsons. Rio de Janeiro. Eldorado, 1985 (p. 39-96) e (p.197-234).

CFESS. **Código de Ética Profissional do Assistente Social**. 1986.

MARX. Karl. **Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana** (Manuscritos Econômicos e Filosóficos 1844). In: Fernandes, Florestan (Org.) Marx e Engels. História. São Paulo: Ática, 1989 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

MARX, K. e ENGELS, F. **A história dos homens**. (A ideologia alemã). In: Fernandes, Florestan (Org.) História. Marx e Engels. São Paulo: Ática, 1989. (P:182-214) (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

NETTO, J. P. **O Serviço Social e a tradição marxista**. In: Revista Serviço Social & Sociedade. São Paulo: Cortez, 1989, n. 30.

_____. **Ditadura e Serviço Social**. Uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. São Paulo: Cortez, 1991 [2ª ed., 1994]. Cap 2.

_____. **Capitalismo monopolista e serviço social**. São Paulo: Cortez editora, 1996.

PONTES, R. N. **Mediação e Serviço Social**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, C. M. dos. **Na prática a teoria é outra**. Mitos e dilemas na relação entre teoria. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2011.

SIMIONATTO, Ivete . **As abordagens marxistas no estudo dos fundamentos no Serviço Social.** In: Guerra, Yolanda; Lewgoy, Alzira M. B.; Moljo, Caina B.; Serpa, Moema; Silva, José Fernando, S.. (Org.). Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica. 1ed.Campinas: Papel Social, 2018, v. 1.

YAZBEK, M. C. **Os fundamentos históricos e teórico-metodológicos e tendências contemporâneas no Serviço Social**. In: Guerra, Yolanda; Lewgoy, Alzira M. B.; Moljo, Caina B.; Serpa, Moema; Silva, José Fernando, S.. (Org.). Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica. 1ed.Campinas: Papel Social, 2018, v. 1, p. 85-114.